

A MOBILIDADE E A INTERAÇÃO SOCIAL EM FRANCESCA

Egiselda Charão.

Acadêmica do Curso de Graduação em História (PUCRS).

Bolsista do Projeto de Pesquisa “Mulheres Imigrantes em Porto Alegre (1945-1970)”, sob orientação da

Prof. Dra. Núncia Santoro de Constantino.

e-mail: gisacharao@terra.com.br

RESUMO: O presente texto identifica e analisa as categorias que emergem do depoimento da imigrante italiana Francesca Ducceschi. Utilizando o método de pesquisa da História Oral pretende-se desenvolver, partindo das suas lembranças, reflexões sobre a memória, mobilidade e cotidiano nas relações ocorridas dentro dos espaços de convivência da cidade de Porto Alegre.

Palavras-chave: História oral, mulheres imigrantes, mobilidades.

Este trabalho objetiva identificar e analisar, com base na análise textual discursiva (MORAES; GALIZAZZI, 2007, p. 224), categorias pré-determinadas que emergem do depoimento oral de Francesca Coniglio Ducceschi. Para tanto, o texto dividir-se-á em três partes: na primeira, constará o aporte teórico; na segunda, a História da vida de Francesca, baseada no seu depoimento, que ao todo totalizou quinze folhas e que foi produzido no dia 22 de outubro de 2010**. Na terceira parte, serão analisados os temas categorizados e o fechamento do ensaio com as considerações finais.

Francesca, imigrante italiana, guarda na memória lembranças de experiências e pontos de vista impressos em sua fala, decorrentes da experiência cotidiana. De acordo com Maurice Halbwachs (2004, p. 55) “Este olhar deve ser analisado, considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios”. Portanto, o relato das lembranças de Francesca é indiciário de uma História da imigração; neste sentido, para Carlo Ginzburg (1989, p.151), o paradigma indiciário “se traduz em um ‘tipo venatório’ caracterizado pela capacidade de, a partir de dados aparentemente irrelevantes, descrever uma realidade complexa que não seria cientificamente experimentável.”

Então, a fim de se realizar esse intento, buscou-se conhecer a História de Francesca, identificando alguns indícios na fala da depoente. Para isso, foi utilizada a metodologia

** Ver: DUCCESCHI, Francesca Coniglio. *Transcrição do depoimento oral*. Porto Alegre, 22 out. 2010b. Arquivado no Laboratório de Pesquisa em História Oral, no PPGH-PUCRS

da História Oral que “se expandiu nos últimos tempos em decorrência do movimento pela busca da identidade e torna possível a reconstrução de processos históricos” (CONSTANTINO Apud JOUTARD, 2004, p.39). Desta forma, foi produzido um documento sonoro e escrito em que consta a fala de Francesca*. Vale salientar que, devido à lacuna documental sobre as mulheres imigrantes — antes, durante e após a Segunda Guerra Mundial —, somente por meio da oralidade é possível conhecer as vivências e os contextos das mulheres estrangeiras na cidade de Porto Alegre. De acordo com Núncia Santoro de Constantino:

(...) as experiências das mulheres estrangeiras são preciosas quando compreendidas como diferentes formas de viver e construir a nossa realidade, além de alcançar elementos para o conhecimento de contextos deixados para trás. (CONSTANTINO, 2007, fl. 2)

Francesca foi uma das mulheres integrantes do grupo de imigrantes não-subsidiadas que vieram para o Brasil depois da Segunda Guerra Mundial. Quanto às mulheres estrangeiras no processo migratório, Núncia de Constantino afirma que, para “entender o fenômeno migratório, é fundamental que se considerem as relações sociais de gênero e o papel das mulheres no processo de imigração.” (Idem, ibidem) Por outro lado, o referido fenômeno pressupõe mobilidades que abrangem características e que, segundo Osvaldo Truzzi podem ser classificadas como:

a) locais: quando o indivíduo se desloca de um mercado (seja este de trabalho, de terras, seja este matrimonial) geograficamente contíguo, que normalmente já lhe é familiar. b) circulares: quando o indivíduo se desloca de um mercado por um determinado intervalo de tempo definido, ao cabo do qual retorna a sua origem; c) de carreira: em que o indivíduo se desloca respondendo a oportunidades de ocupação de postos oferecidos por uma organização a que pertence ou associados a uma profissão que já exerce; d) em cadeia: que envolve o deslocamento de indivíduos motivados por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no local de destino. (TRUZZI apud TILLY, 2008, p. 200).

* O material resultante do referido depoimento encontra-se depositado no Laboratório de Pesquisa em História Oral, no prédio do PPGH (Programa de Pós Graduação em História) na PUCRS, em Porto Alegre.

Neste sentido, as mobilidades ao longo da vida de Francesca abrangem as classificações citadas, sejam locais, circulares, de carreira e também migrações em cadeia. Assim, para entender estas movimentações, é necessário conhecer a sua História de vida.

Francesca nasceu no ano de 1920, em Palermo, na ilha da Sicília, na Itália. Cresceu em uma família de tradição militar e vivenciou um período intenso de conflitos. Teve a infância marcada pelas idéias fascistas* de Mussolini, já que o seu pai integrou a Milícia Voluntária da Segurança Nacional**. Em consequência de tal atividade, Francesca teve a infância e a juventude marcada pelas mudanças constantes de residência.

No ano de 1925, Francesca foi com a família morar na Líbia, durante a retomada do território pelo Governo italiano. Neste mesmo processo, a família residiu nas localidades de Trípoli***, Azizia e Iefren em um período de 07 anos. Foi nesta época que Francesca iniciou os seus primeiros estudos com o pai e em escolas ítalo-árabes; nos intervalos das atividades escolares e da casa, praticava técnicas de recitação com os soldados comandados pelo pai. Concluiu os estudos fundamentais na Itália e diplomou-se no Instituto de Arte de Palermo.

Entre 1940 e 1945, sua família foi para Bolonha. Francesca frequentou o Magistério d'Arte de Florença, especializou-se em afrescos e conheceu Ermano Ducceschi, colega de estudos, nascido na Província de Pistóia, em Toscana. Com o avanço das tropas aliadas na cidade sobre Florença, fugiram para Le Piestre, Província de Pistóia. Tempos depois, a retirada dos alemães para o Norte provocou o retorno dos dois para Florença; casaram-se neste mesmo período. Após a Guerra, em 1946, nasceu o filho Giovanni; ao mesmo tempo, os conflitos acirrados entre fascistas e comunistas persistiam, gerando insegurança no casal.

* Ver: SASSOON, Donald. *Mussolini e a ascensão do Fascismo*. Trad. de Clovis Marques. São Paulo: Agir, 2009. 200p O referido texto constitui-se como exemplo de excelente síntese de História Política sobre a elevação do Fascismo a regime político na Itália, berço do movimento.

** Milícia Voluntária para a Segurança Nacional foi um grupo paramilitar da Itália fascista que mais tarde se tornou uma organização militar. Devido à cor de seu uniforme, os seus membros ficaram conhecidos como *camisas negras*. Os fundadores da milícia foram intelectuais nacionalistas, jovens latifundiários que se opunham aos sindicatos de trabalhadores e camponeses do meio rural, ex-oficiais militares, membros especiais dos *Arditi*. Não eram soldados da Infantaria, mas foram considerados uma força independente de combate. Seus integrantes eram simpatizantes do Anarquismo, do Comunismo e do Socialismo.

*** Região ocupada pela Itália entre 1912 e 1941

Figura 01: Casamento Francesca e Ermano



Fonte: DUCCESCHI, 2010, p.56

Ermano, traumatizado pela Guerra, resolveu buscar uma vida melhor para a família. Deixou Francesca e o filho aos cuidados dos pais e embarcou para o Brasil; na bagagem, trazia alguns trocados e seus quadros para serem vendidos. Inicialmente se instalou e expôs as suas obras no Rio de Janeiro; como não se adaptava ao calor, mudou-se para São Paulo onde também estranhou o clima úmido. Aconselhado por conhecidos, veio para Porto Alegre: daqui, viajava freqüentemente para a Argentina e para o Uruguai, participando de exposições de arte* .

Passados dois anos, Ermano enviou dinheiro para a vinda da família. Francesca e o filho partiram de navio de Gênova para o Rio de Janeiro; do Rio até Porto Alegre, vieram de avião. Foram residir na Avenida Praia de Belas em frente à Beira Rio. Francesca começou a trabalhar pintando e vendendo pequenos quadros; ensinava bordado e pintura e também lecionava italiano. Com a renda dos quadros, compraram um sítio na cidade de Viamão, local onde nasceu a sua filha Iara. Em virtude da falta de conhecimento em produção rural, começaram a ter prejuízos financeiros. Decidiram vender a propriedade e voltar para Porto Alegre.

* Para conhecer a trajetória do esposo de Francesca ver DUCCESCHI, Francesca Coniglio. *O catavento da vida*. Porto Alegre: PROSAPIENS, 2010.

Quando retornaram à capital, foram instalar-se no Guarujá, onde construíram a sua casa. Para aumentar a renda familiar, Francesca assumiu um contrato com o Governo do Estado e passou a lecionar Geometria e Desenho Artístico na cidade de Rio Pardo, onde exerceu o Magistério por dois anos. Por causa da distância, Francesca ficava em Rio Pardo de segunda a sexta-feira, enquanto que o marido se dividia entre o trabalho e o cuidado com os filhos, auxiliado pelos vizinhos. Incomodada com essa situação e preocupada com o bem-estar das crianças, solicitou permissão para que estes freqüentassem a mesma escola onde lecionava, no que foi atendida prontamente. Entretanto, a remuneração mensal não cobria as despesas mensais de idas e vindas entre Porto Alegre e Rio Pardo, motivo que a fez optar pelo seu desligamento das aulas.

Habilitada no curso de Assistência Social Hospitalar, na PUCRS, solicitou vaga para trabalhar na Santa Casa de Misericórdia. Durante três meses desenvolveu trabalho de Laborterapia com os doentes, o que rendeu matéria em jornais e o convite da Secretaria de Educação para retornar ao quadro funcional do Estado. Revalidou os títulos no Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul. Formou-se em Pedagogia e aposentou-se como Supervisora Educacional. Atualmente ministra curso de italiano e aulas de cerâmica em sua residência.

Figura: 02 Francesca C. Duceschi



Fonte: Laboratório de Pesquisa em História Oral da PUCRS.
Foto capturada na casa da depoente 22/10/2010

No depoimento de Francesca Ducceschi, além da característica migratória constante, podem-se encontrar intercâmbios culturais sublinhados pelas relações de poder e de dominação que estão implícitos em seu discurso:

O meu pai estava na Sicília. Ele era Oficial de carreira, por isso, quando eu tinha 5 anos, saímos de Palermo. Fomos para Líbia, quer dizer Trípoli, que era a capital e estava tomada por rebeldes. Bem, na verdade, eram rebeldes para nós, porque na verdade eles eram patriotas lutando pela terra deles, só que naquele tempo a Líbia era Colônia nossa! Era um país que a Itália havia dominado. (DUCCESCHI, 2010, fl. 2).

Transparecendo a dominação italiana Francesca manifesta-se sobre a dominação italiana na Líbia, nesta passagem, estabelece subjetivamente sua interpretação dos fatos históricos vividos. Mais adiante em outro episódio narrado em seu depoimento, aponta para outras formas de relação de poder entre gênero e trabalho:

Acontece que meu marido havia feito uma exposição de arte, e daí um senhor judeu veio procurar o meu marido em casa, porque queria que ele (o marido) pintasse uns quadrinhos para que pudesse vender nas casas. E eu lhe respondi, falando mal porque eu não falava ainda bem o português e com a ajuda de uma vizinha, mas que também não entendia muito de italiano, mas eu lhe disse: que eu também, como tinha feito o Instituto de Belas Artes, poderia pintar, e não me importaria que vendesse os quadrinhos de casa em casa, mas eu lhe disse que meu marido não iria se prestar a fazer quadrinhos para se vender nas portas de casa em casa. E, assim, comecei a pintar e escrevi para o meu marido contando a História, então meu marido ficou impressionado, mas como?! (ele pensou) A minha mulher mal sabe falar o português... E como é esta história de pintar quadrinho para um judeu? E assim voltou logo. (DUCCESCHI, 2010, fl. 4.)

Embora tendo estudado junto com o marido o que já a qualificava como detentora de igual saber, a sua fala afirma a superioridade masculina tanto na arte como no espaço da casa. Essa noção de inferioridade ou de submissão da mulher corresponde aos modelos estabelecidos pelos papéis sociais que estão “incluídos nos costumes de uma comunidade e que são transmitidos pelos velhos aos jovens por um processo de formação educacional e imitativa.” (CUVILLIER, 1975. p. 65). De fato, foi a formação educacional que viabilizou o trânsito de Francesca na elite econômica conforme ela conta:

(...) Logo que cheguei comecei a lecionar italiano. Minha primeira aluna foi a Beatriz Oderich, da família proprietária da fábrica de salsichas. Porque ela era nora da senhora Cira Petini e do engenheiro Petini. O senhor Angelo Petini era engenheiro e trabalhou no Hospital Beneficência Portuguesa. (DUCCESCHI, 2010b, fl. 10).

Por outro lado, a qualificação acadêmica e as relações sociais certificaram a inserção de Francesca no círculo social da elite letrada porto-alegrense como referem as seguintes passagens:

(...) Mas eu lhe disse: que eu também como tinha feito o Instituto de Belas Artes em Florença e poderia pintar (Ibid., fl. 4). (...) E um dia encontrei uma amiga que morava em Ipanema, Maria Dunca, o marido era Professor da Faculdade, ele era advogado. Convidava as minhas amigas, que vinham até minha casa, até chegou uma vez a convidar o Doutor Moyses Velinho. Ele era muito amigo do meu compadre e foi no batizado da minha filha (DUCCESCHI, 2010b, fl. 9).

Já o contínuo aperfeiçoamento tanto na área das Artes como na Educação e na Assistência Social auxiliaram construção do sentido de pertencimento à sociedade porto-alegrense fundamentando a construção de sua identidade. Prova disso são as passagens a seguir:

(...) Porque eu já era Professora de Arte e quando cheguei aqui queria poder lecionar e me enviaram para lecionar em Rio Pardo. (...) Lembro que à noite tinha de estudar a matéria que eu lecionava em Português, porque sabia em italiano. (...) Então, a minha preocupação à noite era estudar para preparar bem, em português, a aula do dia seguinte. Eu escrevia em português a minha maneira, para me fazer entender (DUCCESCHI, 2010, fl.10).

Figura 03: Afresco Etruria



Fonte: Pintura Localizada em parede de edifício sito à Rua Marcelo da Gama, 594 Porto Alegre*

(...) Aqui quando revalidei os meus títulos no Instituto de Belas Artes tive de fazer prova de afresco. Porque eu sou formada apenas em afresco. Eu fiz um afresco em um apartamento que construíram aqui em Porto Alegre. (...) coloquei lá o meu nome. Até porque seguia origem do nome do meu marido! Que é de origem etrusca. Então coloquei o nome de Etrúria. (DUCCESCHI, 2010, fl. 10)

(...) Eu tendo o diploma de Assistente Social fui até a PUC e perguntei se poderiam me encaminhar para trabalhar na Santa Casa. E lá na Santa Casa me pegaram como assistente social, mas eu digo a verdade eu fiz *assistenza sociale ospedaliero*. (DUCCESCHI, 2010, fl.10.)

E acrescenta:

(...) Os oficiais foram mandados de volta para casa. O meu pai teve de resolver os problemas da nossa família, então ele e a minha irmã montaram uma fábrica de bonecas internacionais. (...) Por isso eu também ensinei isso (referindo-se às atividades desenvolvidas) para os doentes da Santa Casa. Tanto que saiu uma matéria sobre isso que coloquei também no livro. Esta entrevista que fala dos trabalhos que fiz lá nestes três meses que trabalhei na Santa Casa. (DUCCESCHI, 2010, fl.10).

O trabalho de laborterapia aplicado na Santa Casa repercutiu positivamente na mídia gaúcha. Em consequência disso, Francesca foi convidada a retomar a sua atividade educacional no Estado ao que ela acedeu, conforme as suas palavras:

(...) Eu disse que aquele era um momento bom para lecionar cerâmica na escola de surdos. Então deixei a Santa Casa para trabalhar no Estado novamente. Mas somente depois que revalidei os meus títulos. Até porque quando revalidei os meus títulos aqui no Instituto de Belas Artes tive de fazer prova de afresco. Porque eu sou formada apenas em afresco (DUCCESCHI, 2010, fl. 13). (...) Depois aqui em Porto Alegre, ainda me formei em Pedagogia e me aposentei como supervisora educacional. (DUCCESCHI, 2010, fl. 14).

Na trajetória como imigrante e na adaptação, ocorreu uma crescente construção de relações de amizade que proporcionou suporte afetivo para Francesca. Nesta perspectiva Bidard, afirma que:

* Imagem encontra-se no acervo do Laboratório de História Oral da PUCRS.

A amizade, por mais que seja uma relação social, porta um conteúdo social. Por meio da amizade, os indivíduos podem reconhecer as diferenças, aprendem a se situar, afiliar-se, a negociar seu lugar na sociedade. As relações pessoais constituem um intermediário entre o indivíduo e a sociedade. A amizade constrói pontos de ligação entre grupos sociais. Ela contém tudo que podemos qualificar como vínculo social. (CLEMENTE Apud BIDARD, p. 9).

As relações de amizade de Francesca inicialmente foram marcadas pela multiplicidade étnica existente no espaço urbano de Porto Alegre. A afirmação de Charles Monteiro corrobora isso:

A sociedade porto-alegrense vem se formando ao longo dos últimos três séculos pelo amálgama de uma série de movimentos migratórios que criaram tensões, disputas e novos arranjos entre os grupos urbanos e no interior das elites (MONTEIRO, 2006, p. 23).

Essa afirmação é reforçada no depoimento de Francesca, quando ela descreve detalhadamente as pessoas que residiam no mesmo terreno em que passou a residir quando chegou a Porto Alegre, na Av. Praia de Belas:

(...) no terreno pertencente a Walter Guingue e da irmã, havia como moradores: uma senhora polaca que se chamava Madame Lisa; uma senhora fugida da Rússia no tempo da Revolução Russa; uma família alemã, que morava em cima da casa da dona do lugar. E nós, italianos. Todos que ali moravam eram estrangeiros de vários lugares, logo ali se falava todo tipo de língua. Tomávamos amizade, nos reuníamos no Natal, elas me ajudaram para ir comprar as coisas na venda, porque não sabia falar o português (DUCCESCHI, 2010b, fl. 4).

É possível, em sua fala, perceber “o outro” no mesmo espaço. Francesca ressalta no outro, as diferenças existentes. A partir destas relações ela construirá sua identidade de italiana e algumas dessas amizades caracterizam-se por laços de longa duração e perpassam o tempo e o espaço, visto que:

Cada pessoa traz uma herança cultural significativa, experiências e práticas, valores, características e formação específica para o exercício de suas funções e para o viver de sua própria existência, e isso determina a comunicação que trava no seu cotidiano, em todos os

níveis e dimensões. Estamos falando de relações que se dão entre sujeitos que decidem construir contextos e processos de aproximação, de conhecimento recíproco e de interação. Relações que produzem mudanças em cada indivíduo, favorecendo a consciência de si e reforçando a própria identidade. Sobretudo, [que] promovem mudanças estruturais nas relações entre grupos. Estereótipos e preconceitos – legitimadores de relações de sujeição ou de exclusão – são questionados, e até mesmo superados, na medida em que sujeitos diferentes se reconhecem a partir de seus contextos, de suas histórias e de suas opções* (ANTUNES, PADILHA, apud FLEURI, 2004, p. 2).

Encerra por fim, esta reflexão, ressaltando-se que, no depoimento de Francesca Ducceschi, foram identificadas algumas categorias migratórias. Desde a sua chegada, até os dias atuais, ocorreram intercâmbios culturais decorrentes das relações sociais que foram estabelecidas. Elas podem ser classificadas como relações de amizade e de trabalho. Tais relações formaram a base sobre a qual se assenta a identidade de Francesca. Também se constatou que a educação, a formação e as qualificações posteriores certificaram o trânsito de Francesca na sociedade porto-alegrense nas esferas social, política, econômica e cultural. Salienta-se ainda a possibilidade de se encontrar na narrativa de Francesca elementos que pertencem ao campo do imaginário, da abstração e das representações, temas estes que requerem um conhecimento teórico aprofundado e que estão abertos para novos olhares.

Referências Bibliográficas

- ABRAHÃO, Maria Helena Mena Barreto (Org). *A Aventura (Auto)Biográfica*. In: CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *Teoria da História e reabilitação da oralidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *Projeto Mulheres Imigrantes em Porto Alegre*. Porto Alegre(1945-1970), CPHO, 2007.
- CUVILLIER, Armand. *Sociologia da Cultura*. São Paulo: Globo, 1975.
- DUCCESCHI, Francesca Coniglio. *O catavento da vida*. Porto Alegre: PROSAPIENS, 2010.
- Transcrição do depoimento oral*. Porto Alegre, 22 out. 2010b. Arquivado no Laboratório de Pesquisa em História Oral, no PPGH-PUCRS, fls: 01- 13.

* Texto produzido para o V Seminário Nacional de Educação “Utopias Humanas: sonhos! Liberdade, inclusão e emancipação. Por que não?” para apresentação em 21.05.2004 em Caxias-RS.

- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: —. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p. 151
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2004, p. 55
- MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre e suas escritas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 23
- MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do C. *Análise textual discursiva*. Ijuí: Unijuí, 2007.
- SASSON, Donald. *Mussolini e a ascensão do Fascismo*. Trad. de Clovis Marques. São Paulo: Agir, 2009.
- TRUZZI, Oswaldo. “Redes em processos migratórios”. *Tempo Social*, v. 20, n. 1, p.200, 2008.

Referências Eletrônicas

- ANTUNES Ângela; PADILHA Paulo Roberto. *O eu e o outro compartilhando diferenças, construindo identidades*. Disponível em: www.kinderland.com.br/anexo%5C10920050276554.dc. Acesso em setembro de 2010.
- CLEMENTE, Claudemir Correia. Apud BIDARD, Claire, 1997. *Habitando o movimento*. VIII RAM (Reunión de antropología del Mercosur, 2009 Buenos Aires/Argentina. Disponível em: www.ram2009.unsam.edu.ar/GT/.../GT28-Ponencia (CORREA).pdf p.9. Acesso em dezembro de 2009, p. 9.